



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa de Crédito com Consignação em Folha de Pagamento**

**Palácio do Planalto, 17 de setembro de 2003**

Eu creio que o que nós estamos fazendo aqui, hoje, precisa da compreensão da sociedade para o gesto. Para uma empresa que vai fazer um financiamento no banco, se for uma empresa sólida, que tenha recebíveis garantidos, os bancos emprestam com muita facilidade o dinheiro, porque sabem que não vão perder. Mas se é uma empresa da qual nem o próprio dono tem certeza do futuro no final de dezembro, obviamente o banco exige uma taxa de juros maior para garantir o empréstimo.

Com os trabalhadores acontece a mesma coisa. Isso aqui não é nenhum favor, nem um favor do governo, nem um favor da Febraban, nem um favor de ninguém. Isso aqui é uma troca, eu diria, esperta, inteligente e oportuna.

Quando alguém vai a um banco buscar dinheiro emprestado e, na hora de preencher a ficha, fala: “estou desempregado há dois meses,” certamente o banco não vai emprestar dinheiro para ele. Ou, se emprestar o dinheiro, o “spread” vai ser tão alto que ele vai preferir não tomar o dinheiro emprestado.

O que vocês estão dando ao sistema financeiro? Vocês estão oferecendo ao sistema financeiro aquilo que o trabalhador tem de mais sagrado, que é o seu salário no final do mês. O banco vai ter a certeza de que, ao estar financiando um trabalhador que tem carteira assinada e recebe salário no final do mês – e que, portanto, o desconto pode ser pactuado entre o sindicato e a empresa –, o risco é zero. Ou seja, o banco vai emprestar com a certeza de que vai receber esse dinheiro a cada mês e isso é uma garantia que não existe em qualquer lugar do mundo.

Hoje, por exemplo, é muito fácil emprestar dinheiro para a Petrobrás,



mas seria muito difícil emprestar dinheiro para muitas outras empresas que não têm força econômica. Quem sabe, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica consigam dinheiro com facilidade, emprestado, mas outras instituições não conseguem. Então, eu acho que esse é um marco importante, é uma troca de ações entre parceiros que vão favorecer o comércio e, conseqüentemente, a indústria, e que podem contribuir para que haja um aumento de emprego neste país.

Não é apenas essa medida. Mas essa medida, se assumida por todo o conjunto dos trabalhadores assalariados, tem um potencial de movimentação de recursos excepcional. E, aí, o movimento sindical precisa jogar duro para que haja um acordo em que o juro seja, efetivamente, compatível com as necessidades que o trabalhador tem, sobretudo aquele que tem uma renda média – nem o que ganha muito pouco, nem o que ganha muito. Isso vale, inclusive, para os jornalistas.

O sindicato de vocês pode pactuar com as empresas, descontar na folha, vocês vão ao banco e pegam um dinheiro emprestado. Jornalista, de vez em quando, troca de geladeira, troca de televisão ou compra outra coisa qualquer, e aí pode ter descontado na folha, sem nenhum problema. Vocês não precisarão andar dizendo, quando forem tomar um chopezinho: “ah, estou pendurado no cartão de crédito, meu cheque especial está estourando na minha conta”. Está bom. Vocês vão ao banco, pegam um empréstimo, compram a dinheiro e vão pagar a prestação um juro mais barato. Ou seja, está resolvido o problema da “pendura”, também do jornalista, neste país. Vocês estão incluídos neste rol dos trabalhadores que vão se beneficiar.

Eu acho que o que nós estamos fazendo, companheiros sindicalistas, empresários e representantes do sistema financeiro público e privado, é tentar mostrar que, se a gente não consegue pegar sempre o peixe grande que a gente quer pegar, é possível fazer um grande somatório de peixes menores, fazer uma caldeirada e comer uma boa peixada.



Se não tem dinheiro para o investimento que um país como o Brasil precisa, para que volte a crescer com a rapidez que todos nós queremos, é preciso a gente se mexer para encontrar formas de colocar dinheiro em circulação.

Eu acho este momento importante porque o que nós estamos fazendo com vocês nós vamos fazer com os aposentados brasileiros. É só acertar como isso vai para a folha de pagamento do INSS, mas eu acho que nós temos que estender esse benefício aos 19 milhões de aposentados brasileiros, que, muitas vezes, precisam de 50 reais.

Obviamente que, para os aposentados, vai ser preciso discutir, porque eu não sei se o INSS tem a mesma rapidez de controle da folha de pagamento que tem uma empresa mais organizada. Mas de qualquer forma, se não tiver, tem que se preparar e se organizar para facilitar a vida das pessoas.

Se vocês tiverem consciência do que já foi feito, nesses últimos três meses, com a redução do compulsório bancário, foi acertado o incentivo ao financiamento a juros de 2% ao mês.

O BNDES já liberou 1 bilhão de reais de uma linha destinada a microempresários do setor informal da economia. A Caixa Econômica Federal já anunciou, praticamente, 3 bilhões também para as pequenas empresas neste país. Para a agricultura familiar foram liberados 5 bilhões e 400 milhões, além do banco que eu espero que a gente vá anunciar em algum momento aí, com uma certa pompa, que é o Banco Popular, o braço especializado em microcrédito do Banco do Brasil. Eu acho que será uma coisa extraordinária, além do sucesso da Caixa Econômica Federal com a abertura de conta para as pessoas que nunca tiveram conta num banco.

Eu digo isso porque eu vi a alegria daquelas mulheres e homens que vieram aqui quando nós fomos assinar a conta nº 500, que simbolizava 500 mil contas. A gente imaginava chegar a 500 mil em dezembro, chegamos a agora e o Mattoso já está pensando em chegar a 1 milhão, até o final do ano.



Possivelmente, quem tem conta no banco não dá importância. Afinal de contas, o que é ter uma conta no banco? Mas para aquelas pessoas que, pela primeira vez, conseguiram entrar num banco e ser tratadas como clientes – nem como indigentes, nem como suspeitas, mas ser tratadas como clientes – e pegar os seus 30 centavos ou 30 reais do que vendeu e depositar no banco, é uma coisa inusitada para uma parte que envolve milhões e milhões de brasileiros.

Eu acho que essa idéia que surgiu no Congresso da CUT, por acaso, conversando, demonstra que possivelmente vocês tenham outras dezenas de idéias que precisam ser dadas.

Eu tenho tentado repetir várias vezes: o governo não é o dono da verdade, o governo não sabe tudo e o governo nem sempre pode tudo. Mas sábia será a nossa decisão de sempre estar ouvindo os setores organizados da sociedade, ouvindo os trabalhadores da economia informal e da economia formal, para que possam ajudar a gente a criar as condições de ajudar com o seu próprio dinheiro. Quando a gente fala do dinheiro do Fundo de Garantia, nós estamos falando do dinheiro do próprio trabalhador. Quando nós falamos do dinheiro do Codefat, estamos falando do dinheiro do próprio trabalhador. Agora, raramente esse dinheiro volta para o trabalhador para ajudá-lo, ou seja, só quando ele é dispensado. E nós achamos que é preciso criar mecanismos. E aí vocês podem ter certeza de que o governo está disposto a discutir esses e outros assuntos para ver se a gente consegue fazer uma espécie de rapa no caixa, para que todo o dinheiro que se tenha possa estar disponibilizado para ajudar as pessoas a terem crédito.

O Marinho disse a palavra “agiotagem”, e é verdade. Quem já trabalhou dentro da fábrica sabe que, muitas vezes, um trabalhador recebe o pagamento no dia 5, e no dia 6 ele já estourou o pagamento; aí, ele pede 50 reais emprestados para um companheiro; o companheiro fala: “eu lhe dou 50 para receber 100 no dia do vale.” Ou seja, não tem brincadeira, a motivação é pão,



pão, queijo, queijo. E o que está sendo feito aqui é a possibilidade de o trabalhador, sem precisar depender de ninguém, chegar a um banco e falar: “olha, eu preciso de 500 reais emprestados, de 300, de 400, para pagar num juro acordado com vocês.” Eu acho que é uma garantia que o povo brasileiro precisa.

Eu poderia terminar dizendo para vocês: nem sempre as medidas que a gente anuncia, de financiamento, de crédito – eu gostaria que a gente anunciasse hoje e amanhã já tivesse 1 bilhão, 2 bilhões liberados, mas entre anunciar e isso começar a acontecer, leva um tempo. As pessoas precisam conhecer, as pessoas precisam se preparar. Vocês vão ter que trabalhar as categorias de vocês. Então, leva um tempo. Não é com a pressa que eu gostaria que fosse, que amanhã 30 mil trabalhadores já estivessem na porta do banco pegando o dinheiro. O dado concreto é que nós vamos chegar numa época do ano em que todo mundo gostaria de comprar alguma coisa. E aquele que não compra passa um final de ano amargurado. Quem é que já não passou um final de ano sem ter dinheiro para comprar um CD para dar de presente para alguém que gosta? E há milhões que não podem comprar porque não têm dinheiro.

Eu acho que isso abre a possibilidade de as pessoas poderem contrair, por pequeno que seja, um empréstimo, para pagar juros bem mais baratos do que os da praça; e fazer com que o nosso comércio volte a funcionar, para que as pessoas possam voltar a produzir e para que a gente possa, com isso, gerar os empregos necessários.

Eu quero dar os parabéns aos sindicalistas que, junto com o Ministério da Fazenda e do Trabalho, trabalharam nisso de forma muito carinhosa, e dizer para vocês que esta Casa e todas essas casas que estão aí na frente estarão abertas toda vez que o Movimento quiser discutir algum assunto que possa significar melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

Quero agradecer à Febraban, à CNI e, sobretudo, à Caixa Econômica



Federal e ao Banco do Brasil. Por favor, mantenham o caixa aberto, porque nós vamos precisar de muito dinheiro no Brasil.

Obrigado a vocês e boa sorte!

rss/cms